

As vogais átonas do noroeste paulista: os fatores estruturais e a variação lingüística

(Unstressed vowels of variety of north-west of the State of São Paulo: structures factors and the linguistics variation)

Luciani Tenani¹

¹Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

lutenani@ibilce.unesp.br

Abstract: This paper deals with variations of pretonic vowels in nouns and adjectives, based on spontaneous data from a variety spoken in São Paulo State. In this variety, there is a vowel raising process that change [e, o] into [i, u], as in m[i]dida' and 'm[u]chila'. It is analyzed the phonological factors that is relevant to explain the observed variation. The raising process was interpreted as a result of a reduction process of articulatory difference between unstressed vowel and adjacent consonants. It was also observed that adjacent high vowels are important to explain the application from the rule and, in many cases, the high vowels of the stressed syllable reinforce but do not determine the application from the rule of harmony vowel process in this variety.

Key-words: mid vowel, vowel raising, phonology, linguistic variation, Portuguese

Resumo: Neste texto, focaliza-se o comportamento variável das vogais pretônicas nos substantivos e adjetivos, a partir de dados de fala de uma variedade do interior paulista, considerando-se relações entre informações de natureza fonológica. Nessa variedade, ocorre o alçamento que transforma [e, o] em [i, u], respectivamente, como em 'm[i]dida' e 'm[u]chila'. Os resultados levam-nos a interpretar o alçamento vocálico como resultado, sobretudo, da redução da diferença articulatória da pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes. Constatou-se, também, que a vogal alta adjacente à pretônica tem importante papel na aplicação da regra do alçamento e a presença dessa vogal alta na sílaba tônica, em muitos casos, reforça, mas não determina a aplicação da regra de harmonia vocálica no dialeto paulista.

Palavras-chave: vogal média; alçamento vocálico; fonologia; variação lingüística; língua portuguesa.

Introdução

As vogais átonas, particularmente as pretônicas, são objeto de reflexão por permitirem observar aspectos da gramática das línguas que envolvem não só informações do componente fonológico, como também a relação desse componente com os demais componentes da gramática. Exemplifica-se essa afirmação a partir do contraste do comportamento de pretônicas nos substantivos e adjetivos *versus* nos verbos, por exemplo, em variedades em que se observa o fenômeno de alçamento, que transforma as pretônicas

[e, o] em [i, u], respectivamente, como em ‘m[i]dida’ e ‘m[u]chila’. Compare-se ‘burgu[e]sia’ (*‘burgu[i]sia’) *versus* ‘p[e]dia’ ~ ‘p[i]dia’. O adjetivo ‘burguesia’ nunca sofre alçamento, mesmo sendo a vogal tônica [i]. A forma verbal ‘pedia’ tende a sofrer alçamento na maioria das ocorrências. Note-se, porém, que a forma verbal ‘p[e]diria’ nunca sofre alçamento (*‘p[i]diria’), mesmo sendo a vogal tônica [i]. Informações de natureza morfológica, como classe de palavra, estrutura da palavra se mostram relevantes para a compreensão do processo de alçamento que atinge as vogais pretônicas.

As vogais pretônicas também são objeto de reflexão por apresentarem comportamento variável quando se comparam realizações de uma mesma palavra em diferentes variedades do Português do Brasil. Por exemplo, em Belo Horizonte, atestam-se as formas alternantes ‘r[ɛ]cibo’ ~ ‘r[e]cibo’ ~ ‘r[i]cibo’ e ‘m[ɔ]derno’ ~ ‘m[o]derno’ ~ ‘m[u]derno’ (cf. LEE & OLIVEIRA, 2006). Em São José do Rio Preto (SP), interior paulista, atestam-se as formas alternantes ~ ‘r[e]cibo’ ~ ‘r[i]cibo’, mas nunca ‘r[ɛ]cibo’, e ‘m[o]derno’, mas nunca ‘m[ɔ]derno’ ou ‘m[u]derno’.

Neste texto, focaliza-se o comportamento variável das vogais pretônicas nos substantivos e adjetivos, mais especificamente, da vogal pretônica interna à palavra, excluindo-se, portanto, vogais em início de palavra, em hiato e em prefixo.¹ O objetivo é discutir os resultados de pesquisa, discutidos em Tenani & Silveira (2008), que identificou os fatores lingüísticos que se mostraram relevantes na descrição do alçamento das pretônicas da variedade falada no interior paulista, região de São José do Rio Preto.²

Cabe explicitar que o fenômeno de alçamento das pretônicas /e, o/ pode ser motivado pela presença de uma vogal alta /i, u/ adjacente à vogal pretônica (que pode ser ou não tônica) e, nesse caso, afirma-se que se trata de um caso de harmonia vocálica (que se define pela assimilação do traço [alto] entre as vogais). O alçamento pode, ainda, ser desencadeado por uma redução das diferenças articulatórias entre vogais e consoantes adjacentes de modo que ‘b[u]teco’ tem a pretônica alçada por haver uma relação entre /b/, uma consoante labial, e /u/, uma vogal labial. Nota-se que /u/ e /o/ são vogais labiais, mas /u/, por suas características articulatórias (como bem mostrou Bisol, 1981), pode ser vista como sendo mais labial do que /o/. Assim, o alçamento em ‘boteco’ não se dá por haver uma relação entre vogais (não há vogal alta na palavra que possa ser o gatilho da regra de alçamento), mas por haver uma relação entre consoante e vogal que, nesse caso, está em jogo o traço labial presente em /b/ e em /u/. Portanto, do ponto de vista fonológico, é tema de investigação identificar os fatores desencadeadores do processo de alçamento

¹ Esta escolha metodológica se dá pelas seguintes razões: (i) a vogal em posição inicial, notadamente a vogal /e/ (como em ‘[i]scola’), não está sujeita aos mesmos princípios que a vogal média pretônica interna à palavra no que diz respeito ao alçamento (Cf. NARO, 1973, e VIEGAS, 1987); (ii) a vogal em hiato (como em ‘d[u]lente’ pode sofrer alçamento desde o século XVI, conforme atestou Fernão de Oliveira (1536), e, segundo Bisol (1981), esse processo, nesses contextos, passou a ser categórico; (iii) a vogal média /e/ do prefixo ‘des-’ (como em *d[i]semprego*) sofre alçamento categoricamente (Cf. VIEGAS, 1987).

² Cabe informar que a cidade de São José do Rio Preto (SP) é sede de Região Administrativa no noroeste do Estado de São Paulo e, conforme estudos da Fundação SEADE (www.seade.sp.gov.br), figura no rol das cidades paulistas com nível elevado de riqueza e bons níveis nos indicadores sociais (como altos índices de escolaridade e de longevidade). Ainda segundo metodologia dessa Fundação, que se vale do *Índice Paulista de Responsabilidade Social*, os municípios que compreendem a região noroeste do estado (portanto circunvizinhos à cidade sede) classificam-se, sobretudo, no grupo de cidades com nível de riqueza baixo, mas com bons indicadores sociais.

relacionando-os aos fenômenos de harmonia vocálica ou de redução vocálica ou ainda de neutralização.³

Do ponto de vista sociolingüístico, é interessante destacar que a região de onde coletamos os dados analisados aqui faz fronteira com os estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul (que pertence à região Centro-Oeste do Brasil), o que a coloca, no que diz respeito ao comportamento vocálico, entre as variedades da região sul do Brasil, as quais se caracterizam pela ocorrência do processo de alçamento (NASCENTES, 1953). Faz-se necessário, porém, verificar que fatores desencadeiam esse processo e a forma com que atuam nessa variedade, pois uma ocorrência como 't[u]mate' se encontra em Belo Horizonte (MG), mas não em São José do Rio Preto (SP). Pretende-se, assim, contribuir para a caracterização das diferenças entre as variedades do Português Brasileiro.

Em Tenani & Silveira (2008), é apresentado, pela primeira vez, que, de modo geral, na variedade culta dessa região do interior paulista ocorre 13% de alçamento em contextos de vogal pretônica /e/ (foram 297 ocorrências em 2246 contextos); e 14% de alçamento em contextos de vogal pretônica /o/ (foram 228 ocorrências em 1590 contextos). Tais porcentagens são relativamente inferiores quando comparadas a estudos realizados, por exemplo, para variedades mineiras, e revelam que, na variedade culta do noroeste paulista, as vogais médias [e, o] (i) predominam sobre as altas [i, u], ou seja, não há tendência ao alçamento, e (ii) têm praticamente a mesma suscetibilidade para sofrer o alçamento. Neste texto, na terceira seção, retomam-se os principais resultados tratados por Tenani & Silveira (2008), a fim de discutir a caracterização do processo na variedade estudada visando contribuir com as reflexões sobre as vogais átonas no Português do Brasil (doravante, PB). Busca-se caracterizar, na última seção, a variedade em análise no que diz respeito às interações de processos fonológicos envolvidos nas vogais em posição pretônica nos nomes: substantivos e adjetivos.

Os dados

Os dados a serem discutidos neste texto são oriundos da pesquisa apresentada em Tenani & Silveira (2008). O *corpus* dessa pesquisa foi constituído de 16 inquéritos de fala, selecionados da amostra censo do banco de dados Iboruna,⁴ produzidos por informantes que atendem o seguinte perfil social: gênero feminino, com nível superior completo ou em

³ Também é relevante discutir as formas de representação dos itens lexicais. Por exemplo, se tomarmos 'm[e]nino' como sendo a forma de base, constataremos que sempre haverá alçamento para esse item na variedade em estudo. Se, alternativamente, tomarmos 'm[i]nino' como sendo a forma de base, haverá coincidência entre a realização e a forma de base, de modo que não haverá processo nesse caso. Portanto, faz-se necessário tratar da forma de base a partir da qual se analisam os dados, pois a interpretação dos resultados pode ser alterada. Apesar de reconhecermos a importância dessa reflexão não a faremos neste texto, deixando a discussão sobre essa temática para futuros trabalhos.

⁴ O banco de dados Iboruna é formado de uma amostra censo constituída de 152 inquéritos de fala de informantes provenientes do município de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo, e mais seis cidades circunvizinhas a ele: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol e Onda Verde. Para a coleta das amostras, os informantes foram estratificados em (i) sexo/gênero (masculino/feminino), (ii) faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; mais de 55 anos), (iii) nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental; 2º Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior) e (iv) renda familiar (mais de 25 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; até 5 salários mínimos).

andamento; pertencentes a quatro faixas etárias – de 16 a 25 anos; de 25 a 36 anos; de 36 a 55 anos e mais de 55 anos. Portanto, os resultados aqui discutidos podem ser caracterizados como representativos da variedade culta falada na região.⁵ Partiu-se da hipótese que, no dialeto estudado, o alçamento não é um fenômeno estigmatizado socialmente, sendo observado, dessa forma, na fala de homens e mulheres de diferentes camadas sociais e níveis de escolaridade.⁶

Neste texto, retomamos, a partir da próxima seção, os resultados relativos aos grupos de fatores estruturais na aplicação do alçamento da pretônica. Abaixo, são listados os grupos de fatores selecionados para a análise, seguidos de exemplos.

Quadro 1. Variáveis Estruturais

Variáveis	Fatores	Ocorrências
Vogal da Sílabla Tônica	Vogal alta anterior [i] Vogal alta posterior [u] Vogal médio-alta [e, o] Vogal médio- baixa [ɛ, ɔ] Vogal baixa [a]	ped[i]do, coz[i]nha; seg[u]nda, gord[u]ra pequ[e]no, gov[e]rno senh[ɔ]ra, colh[ɛ]r sem[a]na, molec[a]da
Distância da Sílabla Tônica	Distância 1 Distância 2 Distância 3	<u>b</u> endita, <u>c</u> ortina amer <u>i</u> cano, poleg <u>a</u> das relig <u>i</u> ão, comput <u>a</u> dor
Vogal Átona Seguinte	Vogal alta anterior [i] Vogal alta posterior [u] Vogal médio-alta [e, o] Vogal médio-baixa [ɛ, ɔ] Vogal baixa [a]	per[i]quito, mon[i]toras cel[u]lar, cost[u]reira pequ[e]n <u>i</u> na, mol[e]c <u>a</u> da, rev[o]l <u>u</u> ção, com[o]v <u>i</u> da cob[ɛ]rt <u>i</u> nha, fof[ɔ]c <u>a</u> z <u>i</u> nha deleg[a]c <u>i</u> a, comport[a]m <u>e</u> nto
Consoantes Adjacentes	Alveolar Palatal Velar Labial	[d]el <u>i</u> cia, mo[l]d <u>u</u> ra se[n]o <u>r</u> a, co[ʎ]e <u>r</u> [k]er <u>i</u> do, co[x]u <u>r</u> da ane[m]b <u>i</u> a, [b]on <u>i</u> to
Tipo de Sílabla	CV CCV CVN CVC	av <u>e</u> nida, sob <u>r</u> inha ag <u>r</u> essivo, prof <u>e</u> ssor m <u>e</u> ntira, cond <u>u</u> ta fest <u>i</u> vais, form <u>a</u> tura
Nasalidade	Vogal Nasalizada Vogal passível de Nasalização Vogal Oral	dent <u>i</u> sta, cond <u>u</u> ta cem <u>i</u> t <u>e</u> rio, dom <u>i</u> nio bel <u>i</u> che, pos <u>i</u> ção
Tonicidade da Pretônica	Atonicidade Permanente Atonicidade Secundária	pol <u>i</u> cia, pol <u>i</u> cial d <u>e</u> nte, d <u>e</u> ntista

Vogal da sílabla tônica e distância da sílabla tônica

Nos estudos que assumem a hipótese de a elevação da pretônica resultar de um fenômeno de harmonia vocálica, têm sido enfocados os fatores tonicidade (CÂMARA JR., 1970) e contigüidade da vogal alta (BISOL, 1981), sendo este último considerado o gatilho

⁵ Variedade culta é aqui entendida como a variedade falada por informantes que tenham nível de escolaridade superior (concluído ou incompleto). Salientamos que não é ponto pacífico na literatura a definição do que seja norma culta (cf. GONÇALVES, 2008). Porém, não problematizamos essa questão neste texto.

⁶ Neste texto, não serão discutidos os resultados para a variável escolaridade.

para a regra de assimilação entre vogais. Para Lemle (1974), é condição obrigatória para que ocorra a elevação da pretônica a presença de vogal alta seguinte à pretônica, que seja tônica em alguma forma do paradigma do item lexical, mas que não seja necessariamente adjacente à pretônica candidata ao alçamento da palavra. Já para autores como Bisol (1981), Viegas (1987) e Célia (2004), é um fator mais favorecedor à aplicação da regra a contigüidade da vogal alta do que o fato de a vogal ser tônica ou ter sido tônica em uma forma não-derivada do item lexical.

A fim de identificarmos, na variedade culta do noroeste paulista, como essa relação entre tonicidade e contigüidade das vogais altas acontece de modo a favorecer o alçamento das pretônicas, analisamos as variáveis: (i) vogal da sílaba tônica, (ii) distância da sílaba tônica e (iii) vogal átona seguinte. Na tabela 1, são apresentados os resultados da variável vogal da sílaba tônica.

Tabela 1: Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal tônica

Vogal Tônica da palavra	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alta Anterior [i] med[i]da, comunicat[i]va	39% (189/484)	.98	41% (146/355)	.91
Alta Posterior [u] ferv[u]ra, cost[u]me	8% (7/92)	.50	28% (11/39)	.85
Média-Alta [e, o] bez[e]rro, pol[e]nta set[o]r, soc[o]rro	9% (75/815)	.57	4% (20/468)	.45
Média-Baixa [e, o] sev[ε]ra, proj[ε]to melh[ɔ]r, ecol[ɔ]gico	16% (24/148)	.28	21% (33/157)	.69
Baixa [a] reg[a]ço, bol[a]cha	0% (2/707)	.05	3% (17/571)	.17
Total	13% (297/2246)		14% (228/1329)	

Os resultados mostram que o ambiente mais favorável ao alçamento é a vogal tônica anterior /i/, tanto no contexto de pretônica /e/ (com PR .98), quanto no de pretônica /o/ (PR .91). A vogal tônica posterior /u/, tende a motivar muito mais o alçamento de /o/ (com PR .85), do que de /e/ (com PR .50). Nota-se que a divisão da variante vogal alta em anterior /i/ e posterior /u/ se mostra pertinente na medida em que, também para o dialeto em análise, há diferença significativa no peso relativo do alçamento relacionada ao traço [anterior] da vogal alta. Bisol (1981) observou resultado semelhante para o dialeto gaúcho e explicou essa diferença de resultados foneticamente, ou seja, com base na articulação das vogais altas /i, u/ em jogo. A autora afirma que o espaço para a emissão das vogais anteriores é maior do que aquele destinado à emissão das posteriores e, por esse motivo, a vogal /i/ - mais alta do que /u/ - favorece igualmente o alçamento de /e/ e de /o/, mas a vogal /u/ não exerce sua força atrativa sobre /e/. Pode-se observar ainda que é entre as vogais homorgânicas que os índices de PR são maiores: (i) quando a tônica é /i/, encontrou-se o PR .98 para a pretônica /e/ (sua homorgânica); (ii) quando a tônica é /u/, encontrou-se o PR .85 para a pretônica /o/ (sua homorgânica).

Como já anunciado, faz-se necessário verificar, para o dialeto em análise, como se dá a relação entre a distância de vogal pretônica e a vogal da sílaba tônica. Os resultados obtidos são apresentados na tabela 2.

Tabela 2. Alçamento de /e/ e /o/ com relação à distância da sílaba tônica

Distância da sílaba tônica em relação à vogal pretônica	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Adjacente p[e]rigo, b[o]nito	17% (264/1554)	.73	21% (197/946)	.74
1 sílaba de distância apar[e]cimento, c[o]ndição	5% (25/506)	.10	3% (16/469)	.10
2 ou mais sílabas de distância d[e]finição, c[o]municação	4% (8/186)	.02	8% (14/174)	.49
Total	13% (297/224)		14% (228/1590)	

Identifica-se a adjacência da vogal alta à pretônica alvo como o contexto mais favorecedor para a aplicação do alçamento. Esse resultado corrobora a análise feita por Bisol (1981), Viegas (1987) e Célia (2004). As ocorrências *coletivo*, *correria*, *pejorativa*, *materialista*, *delegacia* exemplificam o fato de a presença da vogal alta tônica não ser suficiente para desencadear a elevação das pretônicas mediais, em virtude de haver a distância de mais de uma sílaba entre a vogal pretônica e a vogal alta tônica. Esses resultados sustentam a afirmação que a adjacência da pretônica em relação à vogal alta na sílaba tônica exerce papel determinante na aplicação do alçamento. Tais resultados são interpretados como, já anunciado, um caso de assimilação regressiva do traço de altura entre vogais, denominado de harmonia vocálica.

Vogal átona seguinte à pretônica

Primeiramente, esclarecemos que na análise dessa variável foram desconsiderados os itens que não apresentam vogal átona entre a pretônica candidata à elevação e a tônica da palavra, por exemplo, ‘revista’ e ‘cozinha’. Assim, o número total de ocorrências da pretônica /e/ passou de 2246 para 700 e da pretônica /o/ de 1590 para 647. Na tabela 3, estão os resultados.

Tabela 3. Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal átona seguinte

Átona seguinte à pretônica alvo	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alta Anterior [i] cem[i]tério, compr[i]mento	8% (23/301)	.83	13% (23/171)	.92
Alta Posterior [u] seg[u]rança, com[u]nidade	4% (1/28)	.78	6% (6/96)	.62
Média-Alta [e, o] pequ[e]nina, mol[e]cada rev[o]lução, com[o]vida	4% (9/230)	.11	1% (3/274)	.16
Média-Baixa [ɛ, ɔ] cob[ɛ]rtinha, fof[ɔ]cazinha	0% (0/140)	.00	0% (0/1)	.00
Baixa [a] gest[a]ção, bob[a]gem	0% (0/1)	.00	0% (0/105)	.00

Total	5% (33/700)	5% (32/647)
-------	----------------	----------------

Verifica-se, novamente, que é a vogal alta anterior /i/ que favorece o alçamento nos contextos de pretônica /e/ (PR .83) e de pretônica /o/ (PR .92). Destaca-se que, para esse subconjunto de palavras, a vogal alta posterior /u/, além de favorecer a elevação da média /o/, também motivou o alçamento de /e/, o que pode ser considerado um fato inesperado se retomarmos a explicação de natureza articulatória dada anteriormente, acerca da diferença dos resultados de alçamento entre /i/ e /u/, quando em sílaba tônica. O que devemos pontuar, contudo, é que o índice de aplicação referente à vogal alta posterior /u/ pode estar sendo afetado pelo elevado número de ocorrências do item ‘segurança’, que é o único vocábulo do subconjunto de dados em que a vogal /u/ átona ocorre de modo a favorecer o alçamento da pretônica /e/. Portanto, não fica descartada a explicação de base fonética para a diferença do alçamento relacionada ao traço [anterior].

Com base na tabela 3, observa-se ainda que a variante /i/ apresentou um peso relativo de (PR .83) para a pretônica /e/, o que significa dizer que a vogal anterior /i/ átona imediata caracterizou-se como o ambiente mais favorecedor da aplicação da regra na pretônica /e/, quando comparado aos outros fatores. Confirma-se, por mais esse resultado, que a contigüidade é fundamental para haver a assimilação entre vogais, que é regressiva.

Ao lado desse resultado, identifica-se um relevante número de itens que não sofrem o processo, mesmo com o contexto propício ao alçamento: para /e/, ‘d[e]cisão’, ‘p[e]riferia’, ‘r[e]ligião’, ‘v[e]stibular’, ‘pr[e]cisão’, entre outros; para /o/, ‘pr[o]visória’, ‘c[o]missão’, ‘disp[o]sição’, ‘p[o]pulação’, ‘op[o]rtunidade’, ‘s[o]lução’, ‘c[o]munhão’, ‘c[o]munidade’, ‘c[o]municativo’, entre outros. Esse grupo de palavras mostra que estamos diante de uma regra variável que não se aplica a todos os contextos em que se tem a vogal alta contígua à pretônica média, podendo as consoantes motivarem esse processo de alçamento vocálico, o que será discutido mais a frente.

Atonicidade da vogal pretônica

A consideração da variável **atonicidade** é feita a partir do comportamento da vogal pretônica no processo de derivação, ou seja, na consideração do seu caráter de átona **permanente**, quando permanece não acentuada após processo derivacional, ou átona **secundária**, quando, antes da derivação, era uma sílaba tônica. Na tabela 4, apresentamos os valores obtidos.

Tabela 4. Alçamento de /e/ e /o/ com relação à atonicidade

Tipo de Tonicidade	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Átona Permanente a[gre]ssivo > a[gre]ssividade [kos]tura > [kos]tureira	15% (286/1970)	.56	16% (218/1386)	.58
Átona Secundária [‘be]lo > [be]leza [‘ko]co > [ko]queiro	4% (11/276)	.14	4% (9/204)	.10
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Em nossos dados, a atonicidade permanente é a condição ideal para que ocorra a elevação vocálica, o que já foi identificado para outros dialetos. De acordo com Bisol (1981), essa manutenção das médias nas palavras derivadas tem relação com um acento forte subjacente que, na derivação, superficializa-se como fraco. A autora admite que, muitas vezes, o acento subjacente da palavra vem à superfície como subtônico e, por esse motivo, uma sílaba átona pode ser ouvida/percebida como forte, em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas etapas iniciais do processo derivacional.

Feitas considerações sobre os resultados para fatores que permitem tratar do alçamento como resultado de um processo de harmonia vocálica, pode-se afirmar que os dados da variedade culta do noroeste paulista se assemelham àqueles descritos por Bisol (1981), para a variedade gaúcha do Português. Passamos a tratar, na próxima seção, dos resultados para as consoantes adjacentes à pretônicas.

Consoantes adjacentes às pretônicas

Como anteriormente destacado, é a vogal alta contígua e tônica o gatilho desencadeador do alçamento para a variedade analisada. Além desse contexto, outros elementos estruturais também interferiram nesse processo, como o ponto de articulação das consoantes adjacentes à vogal pretônica. Assim, quando observado o ponto de articulação das consoantes adjacentes – quer precedente quer seguinte à vogal pretônica –, encontram-se os resultados para frequência e peso relativo, apresentados nas tabelas que se seguem.

Tabela 4. Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento precedente

Segmento precedente à vogal pretônica	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Labial [v]estido, [p]ossível	20% (213/1054)	.74	21% (100/467)	.63
Alveolar [t]errível, co[l]orido	8% (70/892)	.24	5% (28/552)	.26
Palatal ob[ʒ]etivo, pe[ʒ]orativo	4% (2/54)	.42	0% (0/35)	.00
Velar [k]esito, [x]otina	5% (12/246)	.44	18% (99/536)	.64
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Tabela 5. Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento seguinte

Segmento seguinte à vogal pretônica	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Labial re[v]ista, so[b]rinho	2% (6/263)	.07	11% (46/430)	.59
Alveolar be[l]iche, catego[r]ia	10% (151/1552)	.42	15% (139/925)	.48
Palatal me[ʎ]or, co[ʎ]er	18% (29/160)	.42	40% (41/103)	.70
Velar se[g]urança, fo[g]ão	41% (111/271)	.99	2% (2/132)	.20

Total	13% (297/2246)	14% (228/1590)
-------	-------------------	-------------------

No que diz respeito às **consoantes precedentes**, constata-se que, de modo geral, os segmentos cujos pontos de articulação sejam labial e velar foram os que apresentaram as maiores taxas de aplicação do alçamento, respectivamente para /e/ e para /o/, o que significa que tais segmentos, quando comparados aos outros que compuseram o grupo de fatores segmento precedente, foram os mais favoráveis à elevação da pretônica. É inesperado o fato de a labial precedente apresentar peso relativo de .74 para a pretônica /e/ e de .64 para a pretônica /o/. Era esperado que as **labiais** favorecessem o alçamento da vogal posterior /o/, pois isso poderia ser entendido com base no traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento labial.

Frente a esse fato, analisamos os dados e constatamos que há um elevado número de ocorrências, como '[mi]nino(a)'; '[vi]stido'; 'a[vi]nida', que têm uma consoante labial na posição precedente à pretônica e têm, também, a vogal tônica alta na sílaba seguinte à pretônica que, por sua vez, pode ser o fator que desencadeou o alçamento. Portanto, não se trata necessariamente da atuação do traço [labial] da consoante precedente à pretônica.

O resultado de as consoantes **velares** em posição precedente também propiciarem o alçamento é esperado, pois, de acordo com Bisol (1981), em cuja pesquisa esse segmento aparece como forte motivador da elevação de ambas vogais, o alçamento explica-se pelo traço [alto] das velares. Cabe observar a diferença entre os pesos relativos: PR .64 para as pretônicas /o/ e PR .44 para as pretônicas /e/. Portanto, as velares precedentes favorecem em alguma medida apenas o alçamento de /o/. Estaríamos aqui diante de uma relação entre a consoante /k/ – que pode ser [dorsal] – e a vogal /o/ – que também pode ser analisada como tendo o traço [dorsal].

No que diz respeito às **consoantes seguintes**, as maiores taxas de aplicação são identificadas quando há **velares** somente para /e/, com peso relativo de .99, o que é esperado, pois, como já dito, Bisol (1981) afirma que o traço [alto] da velar propicia o alçamento. Identifica-se, nesse caso, uma assimilação regressiva entre a consoante e a vogal /e/ em que o traço [alto] está em jogo. No entanto, verifica-se uma assimetria nos resultados para as velares se em posição precedente ou seguinte à pretônica /e/. Ou seja, não haveria uma assimilação progressiva do traço [alto]. Observa-se ainda que, diferentemente do que ocorre para quando a velar está na posição precedente, o alçamento de /o/ não é favorecido (apresentando peso relativo de .20), quando a velar está na posição seguinte à pretônica /o/. Diante desses resultados, limitamo-nos a ponderar sobre a necessidade de um maior número de dados que confirmem os resultados para as consoantes velares antes de buscarmos uma interpretação para o resultado espelhado entre /e/ e /o/ a depender da posição precedente ou seguinte que a consoante ocupa.

Considerando as consoantes seguintes classificadas como **palatais**, observam-se resultados aparentemente bastante díspares, sobretudo com relação ao alçamento da vogal média posterior /o/. Quando na posição seguinte, as palatais apresentaram-se como o fator de maior influência para o alçamento dessa vogal, com PR .70; enquanto, na posição precedente, não houve a elevação da pretônica /o/. Cabe esclarecer que o elevado número de ocorrências do item 'co[ʎ]er' possivelmente está relacionado ao resultado de aplicação do alçamento da pretônica /o/ quando seguida de palatal. Com relação à pretônica /e/, os

índices de aplicação referentes ao segmento palatal foram relativamente inferiores (tanto na posição seguinte quanto na precedente, com PR .42). Tais resultados nos revelaram que as palatais, embora tenham o traço [alto] (e sejam foneticamente consideradas as consoantes mais altas do sistema consonantal), de maneira geral, não exerceram, quando comparadas com as demais consoantes, o papel de desencadeador do processo na variedade culta do dialeto do noroeste paulista. Levanta-se a hipótese de que o traço [alto] não seja necessariamente o fator desencadeador do alçamento, quando em jogo a relação entre consoantes e vogais.

Sobre as **labiais** em posição seguinte à pretônica, destaca-se sua influência no alçamento da vogal posterior /o/, o que pôde ser entendido com base no traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento labial, como já afirmado por Bisol (1981). A baixa aplicação do alçamento quando há a pretônica /e/ é esperada na medida em que a vogal não partilha o traço [labial] com a consoante seguinte.

Sobre os segmentos **alveolares**, constatamos baixos índices de aplicação da regra. Essa tendência de a alveolar desfavorecer a manifestação do processo é uma questão já explorada na literatura. Segundo pesquisas como a de Bisol (1981), Viegas (1987), Célia (2004) entre outras, essa tendência pode ser explicada a partir da articulação não alta desse tipo de segmento. Portanto, nesse aspecto, os resultados encontrados para a variedade em estudo não a distingue das demais já estudadas.

Em Tenani & Silveira (2008), afirmamos que os resultados para os segmentos adjacentes confirmaram uma das hipóteses segundo a qual, em muitos casos, sobretudo aqueles em que não existe contexto para a harmonização vocálica, a elevação da vogal resultou de um processo de redução vocálica, definido a partir do que propõe Abaurre-Gnerre (1981). Pomos em questão essa interpretação feita inicialmente na medida em que, por exemplo, o traço [alto] da consoante não parecer ser uma informação motivadora do alçamento. Ponderamos sobre a necessidade de ampliarmos nosso *córpus*, considerando também falantes de todas as faixas de escolaridade, a fim de obtermos resultados mais seguros para embasar uma caracterização da variedade do noroeste paulista.

Tipo de Sílabas e Nasalidade

A noção de sílaba trabalhada neste grupo de fatores está baseada em Câmara Jr. (1970), por ser suficiente para a investigação proposta, definirmos como fatores dessa variável o seguinte: CV para sílaba aberta, CCV para sílaba aberta com dois elementos na fase crescente, CVN para sílaba travada por arquifonema nasal⁷ e CVC para sílaba travada por /R/, /S/ ou /l/.⁸ A separação desses dois últimos tipos silábicos, segundo a presença ou ausência de elemento nasal no declive, foi motivada pelos resultados encontrados para outros dialetos, como o gaúcho (BISOL, 1981), o de Nova Venécia (CÉLIA, 2004) e o de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987). De modo geral, concluiu-se, nessas pesquisas, que a presença do elemento nasal, na parte decrescente da sílaba, pode ser interpretada diferentemente com relação ao alçamento, a depender do tipo de vogal pretônica na sílaba

⁷ Ao adotarmos a noção de sílaba de Câmara Jr. (1970), assumimos igualmente a noção de arquifonema, embora saibamos haver problemas com essas noções.

⁸ Lembramos que /l/ em posição de fim de sílaba é realizado como [w] na variedade estudada.

em jogo, /e/ ou /o/. Vejamos, a seguir, os resultados encontrados para o dialeto em estudo, no que diz respeito ao tipo silábico.

Tabela 6. Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao tipo de sílaba

Tipo de sílaba	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
CV arsenal, absoluta	16% (270/1677)	.57	24% (201/847)	.69
CCV adrenalina, proteção	1% (1/89)	.23	0% (1/259)	.08
CVN rendimento, concreto	4% (6/151)	.46	3% (8/243)	.34
CVC perdida, costura	6% (20/329)	.26	7% (17/241)	.61
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Nota-se que a sílaba aberta CV mostrou-se como o fator mais favorável à elevação tanto no contexto de pretônica /e/, com PR .57, quanto no contexto da pretônica /o/, com PR .69. A sílaba aberta com dois elementos na fase crescente CCV foi o fator que menos favoreceu o alçamento vocálico, em ambos os contextos investigados.

Para a estrutura CVC, cujo declive silábico pode ser ocupado por uma lateral /l/, vibrante /R/, ou fricativa /S/, observamos o favorecimento à elevação da pretônica /o/ (PR .61), mas não da pretônica /e/ (PR .26). Ressaltamos, contudo, que a favorecimento da aplicação da regra atribuído a esse tipo silábico pôde ser relacionado apenas à fricativa /S/, como em ‘c[u]stura’, ‘c[u]stume’, e à vibrante /R/, como em ‘c[u]rtina’, ‘g[u]rdura’, ‘p[u]rtuguês’. Observamos que a vogal pretônica não alçou em todas as ocorrências com a lateral /l/ na parte decrescente da sílaba (exemplos: ‘bolsinha’, ‘colchão’, ‘moldura’, ‘polvilho’, ‘poltroninha’, ‘soltinho’, ‘solteiro’). Esse resultado se deve em função de haver, nessa variedade, a regra de vocalização de /l/, por meio da qual, /l/ passa a ser realizado como [w].

O tipo silábico CVN foi o segundo fator mais favorável ao alçamento da pretônica /e/ (PR. 46), mas não de /o/ (PR .34). Esse resultado foi confirmado, quando da análise da variável nasalidade, como mostraremos mais à frente. Cabe observar ainda sobre CVN que a estrutura silábica foi tratada mais detalhadamente em virtude das questões que envolvem a caracterização da nasalidade vocálica do PB. Conforme Câmara Jr. (1970), essa nasalidade pode ser entendida a partir de dois contextos gerais. No primeiro deles, a vogal é travada por elemento nasal na mesma sílaba e esse elemento tem função distintiva na língua, resultando em pares mínimos como em ‘canto’ e ‘cato’. O autor denomina esse fato como nasalidade fonológica. No segundo contexto, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e não há função distintiva em razão da sua presença, por exemplo, [ka´mada] e [kã´mada], fenômeno que o autor denomina de nasalidade fonética. Baseados nessa distinção e considerando que a nasalidade fonética é uma regra opcional em alguns casos, obtivemos os resultados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 7. Alçamento de /e/ e /o/ com relação à nasalidade

Tipo de	Pretônica /e/	Pretônica /o/
---------	---------------	---------------

Nasalidade	Freq.	PR	Freq.	PR
Fonológica s[en]tido, c[on]flito	16% (8/152)	.69	4% (9/245)	.22
Fonética an[em]ia, c[om]eço	37% (107/253)	.10	20% (41/210)	.71
Oral l[e]tivo, b[ot]ina	10% (182/1835)	.35	16% (177/1135)	.53
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

A presença de elemento nasal na mesma sílaba, que resulta na nasalização categórica da vogal, foi o fator que se mostrou mais favorável à elevação da pretônica /e/ (PR .69), em itens como ‘s[i]ntido’ e ‘m[i]ntira’. De maneira oposta, esse mesmo fator foi o que exerceu menor influência para o alçamento de /o/, com PR .22. Esses resultados, por sua vez, confirmam os valores relacionados à motivação do tipo silábico CVN, o qual favoreceu o alçamento de /e/, mas não de /o/ (Cf. tabela 6). Explicita-se, assim, que o fato de haver o traço nasal na mesma sílaba é relevante para o alçamento de /e/.

No que diz respeito ao fator da nasalidade fonética, quando a vogal é passível de nasalização, os valores mais altos de aplicação da regra foram relacionados à vogal pretônica /o/ (PR .71), o que pôde ser atestado, por exemplo, em ‘c[u]meço’, ‘m[u]nitoramento’, ‘b[u]nita’, ‘d[u]mingo’. Contrariamente a esses resultados, os valores mais baixos de alçamento foram relacionados à aplicação da regra da pretônica /e/ (PR .10), por exemplo, ‘d[e]mocracia’, ‘f[e]minina’, ‘r[e]muneração’.

Analisamos esses valores com base no traço de labialidade da consoante nasal. Como no caso da nasalidade fonética é, em muitos dos itens encontrados, uma regra opcional, interpretamos que a aplicação quase categórica da regra do alçamento nos itens com pretônica /o/ está relacionada ao traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento nasal, classificado como labial, quanto ao ponto de articulação. Como a vogal anterior não compartilha com a consoante nasal dessa labialização quase não se observou a elevação da pretônica /e/, quando seguida de elemento nasal na sílaba seguinte. Dessa forma, é o ponto e não o modo de articulação da consoante nasal que explica nossos resultados.

Considerações finais

A partir dos resultados apresentados anteriormente, observa-se que a elevação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, no dialeto do noroeste paulista na fala culta, é resultado da ação conjunta de fatores, dentre os quais destacamos, como já enfatizado, o papel das consoantes adjacentes, a contigüidade e tonicidade da vogal seguinte à pretônica.

Diante das considerações feitas até o momento, supõe-se que os dois processos, harmonização vocálica e redução vocálica, são igualmente relevantes para explicar o comportamento variável da vogal pretônica no dialeto estudado. Nesse sentido, para os itens em que há contexto de vogal alta tônica contígua e houve o alçamento, a aplicação da regra poderia ser explicada pela harmonia entre vogais. De modo contrário, i) para os itens em que não se observou contexto favorável para harmonia, mas a regra se aplicou e ii) para os itens em que, mesmo com a presença de contexto favorável à harmonia, o alçamento não

ocorreu, a motivação está na redução da diferença articulatória entre as consoantes adjacentes e a vogal pretônica.

No entanto, na grande maioria dos itens em que o alçamento se explica por harmonização, podemos estabelecer relações de base articulatória entre as vogais pretônicas e as consoantes adjacentes, como, por exemplo, os itens ‘al[i]gria’ e ‘c[u]mida’. No primeiro exemplo, é possível considerar que há alçamento da vogal por haver assimilação do traço [alto] da consoante adjacente. Já no segundo exemplo, além da articulação de [k], há em comum o traço [labial] entre a vogal posterior e a consoante [m]. Em ambos os exemplos, o alçamento pode ser visto a partir da relação entre as características articulatórias das consoantes e das vogais e, portanto, analisados como resultados de redução da diferença articulatória entre esses segmentos contíguos e não necessariamente como resultados de harmonização vocálica.

Nesse sentido, a redução vocálica explica: i) o alçamento nos itens com contexto para harmonização (‘s[i]guinte’, ‘b[u]tina’), ii) o bloqueio do alçamento em itens com contexto para harmonização (‘b[e]liche’, ‘dol[o]rido’), e iii) o alçamento nos itens sem contexto para harmonização (‘p[i]queno’, ‘c[u]lher’). Por englobar todos esses casos, concluímos que, no dialeto riopretano, o fenômeno de redução vocálica melhor explica o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, sendo a harmonização vocálica um outro fenômeno que tende a favorecer, em alguns casos, essa elevação.

Cabe, por fim, concluir que os resultados gerais sustentam que a variedade paulista assemelha-se à gaúcha, por exemplo, quanto à realização das médias em [e, o] ou [i, u]. Os trabalhos feitos para a região sul (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002), de modo especial, têm tratado a aplicação do alçamento como resultante da harmonia entre vogais. Neste trabalho, também consideramos essa possibilidade de interpretação, mas acreditamos que uma argumentação com base no fenômeno de redução vocálica explica, de maneira mais abrangente, a variação das vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista.

Referências bibliográficas

- ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÉLIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- GONÇALVES, S.C.L. *A relevância de variáveis sociais em fenômenos variáveis na fala do interior paulista*. Artigo inédito apresentado durante o I Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa. São Paulo: UNICSUL. 2008.

LEE, S-H.; M. A. OLIVEIRA Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: da HORA, D.; G. COLLISCHONN (eds.) *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 67-91.

_____. Phonological theory and language variation in BP in mid vowel alternation. In: *Proceedings of SICOL*. 2006. p. 298-306. Linguistic Society of Korea.

NARO, A. J. *Estudos Diacrônicos*. Trad. Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

SCHWINDT, L C. A regra variável de Harmonização Vocálica no RS. In: BISOL, L. & BRESCANCINI, C. (orgs). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182, 2002.

_____. The brazilian portuguese prefix: prosodic and lexical analysis. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v.17, n.2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 27 de ago. 2007.

VIEGAS, M do C. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 231f. 1987. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.